

# A Folha d'Ovar

FOLHA LITTERARIA E NOTICIOSA

## ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis  
Com estampilha..... 600 »  
Fóra do reino acresce o porte do correio.  
Pagamento adiantado.  
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

## DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

## PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.  
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.  
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.  
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 15 de junho

E' já do dominio de todos a horrivel catastrophe que ultimamente nós emocionou bastante—o incendio do Furadouro. Não nos occuparemos com a narração minuciosa de tal acontecimento, não só por este logar ser para isso alguma coisa improprio, mas tambem por toda, ou quasi toda a imprensa do paiz, se ter occupado d'elle. Diremos simplesmente e de passagem que todos os jornaes não foram muito bem informados. O exagero predomina nas suas noticias.

O incendio do Furadouro foi grande, não ha duvida, mas não tanto como se diz, e a miseria não attingiu maiores proporções, attendendo a que uma grandissima parte das casas estavam seguras em diversas companhias.

Não queremos com isto dizer que não ficassem algumas familias de pescadores na maior penuria, porque realmente ficaram.

Agora o que é certo, é que se compararmos este incendio com o de 1881 e mesmo com o de 1885, somos forçados a confessar, assim como todas as pessoas sensatas, que as perdas d'este foram muito mais insignificantes que as d'aquelles.

O primeiro incendio foi enorme e de grandes prejuizos, porque a destruição foi completa no norte da praia, e o 2.º, ainda que mais pequeno, destruiu, como todos sabem, palheiros que pertenciam exclusivamente á classe piscatoria e que não se achavam no seguro.

Os palheiros que agora arderam não excederam o numero de 200, como o podemos provar em face d'uma planta, e metade ou quasi metade, estavam no seguro. Os restantes, é preciso dizer-se que não pertenciam todos á classe dos pobres. Logo, está provado que os prejuizos d'esta vez foram muito inferiores e que não ha grande motivo para muitos lamentos. Póde dizer-se que as maiores victimas são as companhias de seguros. E já que fallamos em lamentos, vem a proposito lembrar aqui a indolencia e a inacção da maior parte da classe piscatoria, que a sombra das companhias que tiveram a amabilidade de lhes segurar os seus predios, assistia de braços crusados, immovel, ao terrivel espectáculo que se desenrolava á sua vista. Se houve lamentos da maior parte d'esses pescadores, foi porque talvez, n'esse momento, se arrependessem de não terem os seus palheiros seguros em maiores quantias.

Esta é a verdade. Isto foi o que se viu.

Agora, cumpre-nos simplesmente, implorar d'auctoridade administrativa e da ex.<sup>ma</sup> camara d'este concelho, a maior cautela e a maior vigilancia na distribuição dos donativos que se angariarem.

Proteja-se a miseria mas não a indolencia.

## LITTERATURA

### A EDUCAÇÃO E OS JESUITAS

(Continuação)

Os alimentos predominantes nos

collegios jesuiticos são: arroz, batata, feijão e sopa de hortaliça (carne em dias de festa de egreja) alternadamente e mal condimentados.

Ainda mesmo que estas substancias sejam bem condimentadas estão longe, muito longe de pertencer ao catalogo dos bons alimentos. No que acabo de dizer não ha exagero, e senão que o digam aquellos a quem coube por sorte ser aferrolhados n'essas penitenciarías. E' assim, que muitas compleições robustas sahem de lá anemicas, definhadas, vindo expiar cá fóra delictos, de que não são responsaveis. Quem não condemnará ao ostracismo esses exploradores das algibeiras? Qual será o pae capaz de entregar um filho nas mãos d'essas sanguessugas, sabendo, tendo a certeza de que, em troca d'um organismo robusto e sadio, lhe hão de entregar um cadaver amortalhado nos seus proprios mantos? Qual será a mãe, que se dará com voluntariedade ao trabalho de amamentar e crear um filho, sabendo que os loyolas, corroidos pela syphilis da desmoralisação, lh'o hão de igualmente syphilar? Qual será o tutor, que queira carregar com a imputação de cúmplice n'um homicidio, introduzindo o seu tutelado n'um meio tão delectivo?

O ar puro e uma boa alimentação não são os unicos requisitos indispensaveis para uma boa educação physica; é preciso desenvolver os orgãos, é preciso exercital-os para que se não atrophiem. E' doutrina corrente que á falta de exercicio d'um orgão se segue o seu atrophiamento.

Lembra-me que li na «Educação Physica» de A. F. Simões uma experiencia devida a Reid, comprovativa d'esta mesma doutrina. E' a seguinte: Reid tomou quatro rãs e cortou-lhes os nervos espinhaes, que se distribuem nos membros posteriores. Por meio de descargas electricas fracas exercitou durante dois mezes em cada rã os musculos de um dos membros posteriores, deixando o do outro membro em repouso. Passado este tempo observou que

ao desfazer das suas mais queridas esperanças e dos seus mais formosos sonhos, ah! então o seu viver quasi que se arrasta, a sua alma ensombra-se lenta e gradualmente e assim ao vêr por terra tudo quanto lhe embellejava a existencia, entra n'um periodo luctuoso de vida moral. Poder-se-ha resumir nas duas phases que deixamos apontadas a biographia d'um moço que vamos traçar singelamente e cujo sentir e querer assim era. Referi-nol-a um amigo nosso. Desculpem os leitores a monotonia que ha na reproducção d'ella.

os musculos exercitados conservavam um volume ordinario, vigor e contractilidade.

Pelo contrario aquelles que deixára em repouso estavam reduzidos a metade do seu volume, conservavam ainda a contractilidade, porém tão fraca, que, se continuasse a experiencia, decerto a perderiam. «A falta de exercicio, diz o sr. A. F. Simões, produz immediatamente no individuo a fraqueza, a inhabilidade, a covardia e a doença e, pelo decurso do tempo, na sociedade a degeneração do espirito». Nos collegios jesuiticos o recreio, ou tempo destinado ao exercicio corporal, dura, quando muito, duas horas, sendo uma depois do jantar e outra perto da noute. Escusado é dizer, que este tempo é demasiadamente pouco. Mas ainda este pouco é mal aproveitado. Durante o recreio uma parte dos educandos está inerte; outra parte joga a barra, unico jogo razoavel, que, seja dito em abono da liberdade, lá usam. Chamo a este jogo razoavel, porque elle não é bom; seria bom, se concorresse para desenvolver todos os orgãos regularmente e empregado a par d'outros; empregado isoladamente é menos bom, porque faz desenvolver muito os musculos das pernas, enquanto os outros ficam sem exercitar e portanto sem desenvolver. A gymnastica, a esgrima, a dança, o passeio e o salto são os principaes factores, que concorrem para o completo desenvolvimento muscular. Os jesuitas ignoram umas d'estas coisas crassamente; outras põem-nas poucas vezes em pratica.

Até algumas d'ellas, d'entre as quaes a dança, são consideradas como peccado. «No seculo passado, diz A. F. Simões, o padre Manoel Bernardes reprovava a dança por ser desagradavel a Deus e movida pelo demonio e porque o que baila e dança tem parte de furioso! Só uma dança lhe parecia louvavel. Era a de Fr. João Peccador, o qual na procissão de Corpus ia bailando e tangendo uma frauta ou charamela. Se os clerigos mais illustrados e mais auctorizados

Era elle um prosélyto do bello ideal — aos que nasçam, n'estes tempos, com tendencias para este, entendemos que tomem uma dose de morphina excedente áquella que basta para produzir o sono... — e como consequencia d'isso era tambem poeta.

Nas paisagens, ora sorridentes, ora austeras, que a natureza nos mostra com variedade maravilhosa, via elle as estrophes mais elevadas e na mulher a encarnação viva da sua indole amorosamente romantica.

Alma sonhadora do bello, propensa ao romanticismo amoroso,

ensinaram ao povo no pulpito e nos livros taes lições de hygiene, que muito é que a educação physica chegasse á miseria em que a vemos?» Ha um outro flagello, conhecido por todo o mundo e que faz milhares de victimas, nos collegios jesuiticos; este flagello é o onamismo. Abstenho-me de tratar este assumpto, porque é assaz melindroso e inconveniente. Sempre direi, que muito concorrem, para a sua propagação, a coacção, a falta de liberdade, o ascetismo.

Em resumo, só será perfeita aquella educação physica, que a par d'uma boa alimentação (funções de nutrição e respiração) apresentar um bom desenvolvimento muscular. Não quero com isto exigir dos jesuitas uma utopia, uma perfeição; isso seria uma loucura, porque a humanidade está longe de ser perfeita, caminha ainda no meio de brumas densas; exijo simplesmente que os jesuitas se colloquem a par da educação mais aperfeiçoada, que eduquem pelos methodos mais naturaes, que não sejam retrogrados, que não sejam reaccionarios, ou então não eduquem, restringam-se ao seu primitivo fim. Termino esta parte da educação com a definição de A. F. Simões: «A boa educação é aquella, que dá ao corpo e á alma a maior belleza, a maior perfeição, que podem ter.»

## EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

A orientação é para o homem o que a agua é para os peixes, o que o sol é para o dia, o que a lua é para a noute. Sem agua os peixes morrem: sem se saber orientar, o homem precipita-se a cada passo. O dia sem o sol, que lhe escorrasse as brumas, é um cahos medonho: o homem sem orientação é um manequim da natureza. A noute sem a lua que lhe afugente as trevas, é um abysmo monstruoso: o homem sem a educação que o oriente, é um navio sem leme. Assim como a lua campeia altiva, como rainha, por entre o cortejo immenso dos outros luzeiros e os obriga a prestar-lhe

queria amar á antiga, isto é, transportava-se espiritualmente para os tempos nos quaes cavalleiros e pagens iam no silencio da noite, envolvidos nas suas capas de veludo e pelos raios argenteos da lua, ou por escuridão profunda, conversar abstrahidos de tudo, em voluptuoso enlevo com a escolhida do seu coração!...

Antevia e desejava que uma donzella d'olhos pretos, rosto d'anjo reflectidor d'um sentimento fino, lhe correspondesse n'um affecto immenso ao que elle seria capaz de retribuir-lhe.

(Continúa)

## Folhetim da FOLHA D'OVAR

### Um amoroso em fim de seculo

(A MINHA PRIMA A. CUNHA)

O homem de sentimento na epocha em que tem mais seiva espiritual, na epocha em que o coração lhe trahorda de generosissimos affectos, na quadra mais virente da vida—a da mocidade, povoa a imaginativa de chimeras douradas, de sonhos de côr azul, de visões purpurinas, e assim aca-

riado por este idear bemfazejo, por este sadio florir do espirito, julga-se—enquanto a realidade o não assalta—um ente raro, um bemaventurado, soberano!...

Julga vêr meigos sorrisos de mulheres formosas osculando-o suavemente, e parece-lhe cada prado um jardim, um lago cada ribeiro, um pardieiro esquecido semelha-lhe um castello feudal da idade-media e crê-se divinizado por toda a gente.

Mas depois... pela vida além, quando apercebe o ruir de todo o bello edificio que a sua phantasia architectára, quando assiste

homenagem, assim o homem que sabe manejar bem a bussola do destino, caminha orgulhoso e sereno, como quem nada receia, e tem jus a fazer-se admirar como actual rei de todo o organiado. Mas assim como o sol e a lua, para trilhar uma derrota regularissima, obedece a leis physicas: assim o homem, para remover os obstaculos e pizar a senda que conduz á perfeição, tem de regulamentar-se pelas leis do entendimento. Estas bebe-as na educação. Assim como os instinctos variam em cada individuo: assim estas leis devem ser igualmente accommodadas ás tendencias de cada um. Nem todos os homens são destinados a viver no mesmo meio. Assim como nós vemos, percorrendo a escala dos seres organizados, cada especie ter uma organisação variavel com o meio: assim nós devemos comprehender que o homem deve ser na educação adaptado ao meio, onde mais tarde ha de viver. O meio só não basta para modificar os instinctos do homem; é preciso que elle vá já da educação preparado para aceitar essa modificação; é preciso que elle tenha aprendido a converter os instinctos de maldade em instinctos de bondade, os sentimentos mesquinhos em sentimentos altruistas; d'este modo a educação é a causa eficiente d'esta conversão e o meio é a causa occasional. É preciso que os educadores deixem germinar espontaneamente os instinctos do homem; é preciso que os não contradigam. Se os contradisserem, se lhe mandarem beber doutrinas erradas, se o educarem para um meio falso, criam-lhe difficuldades invenciveis, pois o homem n'este caso tem de lutar contra tres grandes correntes em sentido contrario á sua: os instinctos contradictos, a doutrina falsa e o meio errado. O resultado é succumbir.

D'aqui se conclue que os educadores tem necessidade de saber não só fazer germinar os instinctos bons e minorar os maleficos, mas tambem preparar o homem com os conhecimentos consentaneos com o meio e com a epocha, que lhe são proprios. Infelizmente, uma grande parte dos educadores entendem ou fingem entender, que o homem é uma massa de gesso, que póde ajustar-se a qualquer molde e por isso que todos podem ser aferidos pelo mesmo padrão: n'este caso não se cançam a arranjar moldes novos; o mesmo chega para todos. Não sabem, coitados, que a par da evolução physica (muitos negam a evolução physica!) está a evolução intellectual e portanto a evolução social. Imaginam que o homem d'hoje e o da idade media podem ser amalgamados indistinctamente na mesma liga; imaginam que o meio hodierno e o meio medieval são eguaes; não sabem, que é absurdo identificar duas coisas tão heterogeneas. Os entaos mysterios, que o homem, á custa de tanta vigilia e trabalho, tem hoje desvendado, pretendem-nos ainda explicar com a porta falsa dos milagres. Mandam «crêr a olhos fechados o que a Igreja diz, porque ella diz o que Deus manda». Estropiam Galileus, em que mais tarde vão acreditar; são retrogradados.

Porto, junho de 1892.

Hildebrando.

### O livro de Moysés Nóra

Ainda só hontem á noite me deitei a saborear o teu livrinho — *A Mocidade e o Destino*; — bebi-o d'um trago, e não descancei sem que apparecesse a luz da manhã, e os roixinoes nas bolsas

iniciassem suas canções cheias de melodia.

Varios articulistas se tem occupado já da critica d'elle, uns favoravel, outros desfavoravelmente; abstenho-me por isso de tratar tal assumpto.

Sempre direi contudo, de passagem, que a leitura é assaz amena e interessante o fructo de tuas vigílias; que te escaparam alguns erros orthographicos na revisão das provas; innovastes palavras desnecessarias e outras *coisitas* de facil percepção.

Esta é que é a verdade.

A tua veia litteraria é uma pintura por concluir, mas o trabalho e o estudo aturado, finalisarão o quadro.

Não desanimas, pois, que em lapsos cahem as mais afamadas pennas, os mais laureados escriptores.

Não te posso perdoar, porém, o modo pouco airoso e menos correcto, como trata as damas (pag. 62 e 63).

Não te contentando em lhes dizer que davam gritos *aparralhados* e faziam de *loucas*, ao verem no banho cabeças horrendas, medonhas, com o craneo mal coberto de raros cabellos, chamalhes ridiculas *sereias*. (!)

Olha, caro Moysés, «fraco é o mel...», não digo mais nada. E, caso raro, nem ao menos lhes deixaste em socego as pernas, pois dizes que eram tortas, cambaias; magras, cobertas de pelle amarellada e rugosa, boa para encadernações. (!)

Sempre te digo, Moysés, que se as damas, a que te referes, me arvorassem em advogado de defeza, nós teriamos «moscas por cordas e cordas por mosquitos», como vulgarmente se diz.

Que as damas no banho, conti-nuás, «não são na maior parte seductoras.»

Em tu limpando o estomago com *sedlitz* ou *oleo de ricino*, por certo não dirás isso.

Maus sabores de bocca, e nada mais.

Um conselho: é necessario tratar as damas com mais doçura; dizer que eram bellas, formosas, que se riam engraçadamente; que a cutis das bem formadas pernas era alva, finissima; que as tranças de cabelo, eram encantadoras; que os pés eram bem feitos, os olhos fascinavam como as estrelas, e o rosto, emfim, era bello como a lua. Do contrario, o que dirão agora as que tem por costume ir banhar-se nas frescas e limpadas aguas de Mira?

Que és um homem sem gosto.

E os seus mais *affeitados*? Sem duvida ficam nervosos, cheios de raiva e espedaçam a tua *Mocidade* e o teu *Destino*.

Por fim ainda te tentas levantar, penitenciar, e pedes desculpa de teres deixado cahir da penna expressões tão pouco amaveis.

Até aqui não vaes mal, mas immediatamente dá uma queda horrivel, quando dizes que não sabes mentir (pag. 63). Peior a emenda que o soneto. Valham-te todos os santinhos da corte do céu.

Naturalmente foste a Mira, em alguma manhã de nevoa, de lunetas escuras, com catarro, aborrecido, mal disposto, e viste as *sereias* por algum prisma embaciado...

De nenhum modo mais se póde explicar.

As côres da tua tela são assás esmorecidas, ou quasi de todo perdidas; falta-te o vermelho vivo,

o branco encantador, o verde dos prados e o azul dos céos, e sem estas temos de admitir incondicionavelmente a seguinte nada li-songeira proposição: (pag. 63). Safa! que Moysés trata as deidades do *sexo forte* (pag. 66) sempre sem carinho e amor, o que é contrario a todos os romancistas de bom gosto.

Nada mais digo por agora.

Ois do Bairro, junho de 92.

Teu *excorde*,

Gonçalves Pereira.

## NOTICIARIO

### Dr. Lopes

Entrou, ha dias, no periodo de convalescença o digno contador d'esta comarca, dr. João Lopes.

O perigo da doença que, muitas vezes, ameaçou este nosso amigo e respeitabilissimo cavalleiro, afastou-se já, dando lugar ás melhoras progressivas que sua ex.<sup>a</sup> tem sentido n'estes ultimos dias.

Já se levanta, mas está prohibido de sahir pelo seu estado de fraqueza.

Estimaremos ver em breve dr. Lopes no uso das suas funcções, a prehencher novamente o seu logar vago na loja do sr. Ferreira, na Praça, e a animar com a sua conversação espirituosa a rapaziada de quem é amigo e para quem é prestavel.

A morte, sempre feroz o destemida, que não olha o Rei e o plebeu, (não querendo dizer que o sangue real seja mais puro do que o do plebeu) o rico e o pobre, parece que d'esta vez tremelhe a mão ao empunhar o cutello funereo, quando ousava cortar uma arvore nova, ainda e cheia de viço—uma vida—que, derribada, prantearia Ovar inteiro.

A doença do dr. Lopes chegou, por vezes, a desesperançar-nos e n'este estado, traçamos uma local bem singella; hoje, allumiados pelo brilhante sol da alegria, damos esta nova aos leitores, nova que, de certo, será por todos acolhida airoosamente.

Tem logar aqui dizer-se que o seu medico assistente, ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Amaral, merece os mais levantados encomios pelos seus esforços e cuidados que teve sempre com o enfermo.

Dizer isto é dizer a verdade; dizer mais do que isto seria motivo para nos taxarem de *aduladores*. Aduladores não somos; imparciaes sim; é por isso que dizemos pouco.

### Dois jumentos roubados

No sabbado, de manhã, José Estevão, moleiro, das Luzes, d'esta villa, na occasião de carregar os jumentos com as moagens para a sua freguezia, só encontrou um, o mais *lazarento*! Os outros conheceram novo patrão ou patrões na noite de sexta para sabbado, que foram procurados e encaminhados para *paragens* até agora desconhecidas!

Lá foi o pobre Estevão, sabe Deus como, á administração do concelho, retirando pelos modos mais aliviado qualquer coisa, pois o digno administrador telegraphou a todas as auctoridades n'esse mesmo dia. É provavel que os dois *soberbos* animaes vão ter prestimo em Cacilhas.

Pobre homem! Se era pobre, mais pobre fica; e agora com esta crise...

Deus nos livre.

### Um valentão!

Tremam pulsos de ferro se ainda os ha, do tempo de D. Afonso Henriques!

O professor sem diploma, de Passó de Vallega, Antonio da Silva de Mattos, deu uma bofetada em Joanna Maria Nunes, mendiga, do logar de Pintim, da mesma freguezia, alcunhando-a em seguida de... *mulher honesta!*

Em vista de tão heroico como raro feito, foi o sr. professor chamado ao Tribunal, no dia 10, a receber a *condecoração* correspondente ao mesmo

O sr. juiz, ouvido o advogado officioso, mandou o Hercules Bôalingua da Silva de Mattos, passar 3 dias de descanço na *caféa*, ordenando-lhe mais a paga dos sellos dos autos, custas e, para contrapezo, mais 2\$000 réis ao advogado.

O *condecorado* prometteu não mais se arrojar a taes proezas!

### Amisades femininas

Francisca Nabiça, do logar do Monte, freguezia de Cortegaça, foi toda *lacrmosa* participar em juizo de que Rosa Rodrigues da Silva, de Gavinho, da mesma freguezia, lhe arrumára com uma pedra, ferindo-a no rôsto.

Isto passou-se na quinta-feira e a queixa já está em poder de quem manda.

«Vingança! Vingança!» — grita a offendida; «Justiça! Justiça!» — diz a aggressora! Coisas de mulheres.

### Inquerito

Desde quinta-feira, tem-se procedido na administração do concelho a um inquerito dos palheiros queimados no incendio do Furodoiro, na terça-feira, os seus valores, quantos estavam no seguro, etc., etc.

Tem aquillo por fim, suppomos nós, fazer-se uma estatistica exacta para que mais tarde sejam divididos comparativamente quaesquer donativos que, porventura, se venham a angariar por qualquer fórma.

### Agradecimento

O digno administrador d'este concelho officiou ao inspector geral dos incendios do Porto e presidente da Associação dos Bombeiros Voluntarios da mesma cidade, agradecendo todas as attentões que tiveram, respondendo ao telegramma d'aquella auctoridade em que era participado o incendio, bem como o maximo empenho que demonstraram exuberantemente em quererem servir-nos, o que não poderam fazer por motivos já sabidos.

### Roubo de lenha

Antonio da Costa Silva—o *Camanho*—queixou-se no sabbado, na administração, de que já uma vez lhe roubaram d'um pinhal rachado que possui em Monte Sobreiro, uma mêda de lenha, e na noite de quinta para sexta-feira roubaram-lhe outra.

Este tal *Camanho*, da rua do Sobreira, diz que, visto não poder escovar com um *sobreiro* as costas dos larapios, vae alli dar parte e pedir providencias.

### Partida

Partiu na segunda feira para o Porto o nosso amigo Manoel Augusto Duarte da Silva, digno empregado no correio geral d'aquella cidade.

### A festividade de Santo Antonio

Muito concorrida e pomposa, como se esperava, esta festividade, tanto no domingo como na segunda-feira. A capella estava brilhantemente adornada. No 1.º dia, de manhã, houve missa acompanhada pela orchestra do sr. Valerio, sermão pelo rev.º Augusto Rocha, de Ois do Bairro; á tarde, as *vesperas*, sermão pelo rev.º prior encommendado da Vaccarica, e procissão. No 2.º dia, missa cantada e dois sermões, sendo pré-gado o 1.º pelo rev.º abbade de S. Martinho de Salreu e o 2.º pelo rev.º Andrade, de S. Vicente; á tarde novena de musica.

Por questões que n'outro logar publicaremos, não tocou, á noite, e no pateo exterior da capella a phylharmonica do sr. Valerio, que tocou durante a festividade nos dois dias.

### De visita

Esteve entre nós, de visita, no domingo, o nosso respeitabilissimo assignante e digno empregado na Companhia dos *Sleeping-cars*, ex.<sup>mo</sup> sr. Domingos Lobo Junior, residente em Lisboa, retirando para aquella capital n'esse mesmo dia, no comboio da noite.

Cumprimentamos este distincto e intelligente cavalleiro, com quem passamos alguns minutos em alegre convivio e em expontanea risota despertada pelo seu reconhecido espirito.

Bem pena temos de ser tão curta a sua presença entre nós, presença agradável para toda a rapaziada d'Ovar que o julgam credor das maiores sympathias.

Oxalá nos visite brevemente.

—Acha-se tambem entre nós, vindo de Setubal, com um mez de licença que veio gosar-a em companhia de sua ex.<sup>ma</sup> familia, o digno alferes de caçadores n.º 1, ex.<sup>mo</sup> sr. Arnaldo Augusto Liz Teixeira da Cruz.

—Esteve igualmente na segunda-feira entre nós o nosso illustre patricio e digno escriptura na comarca de Vagos, ex.<sup>mo</sup> sr. José Carrelhas.

### Perverso

Pelas 10 horas da manhã de segunda-feira, foi preso e recolhido nas cadeias d'esta villa pelo sr. Antonio Maria Marques, da Ribas, José Sapateiro, da rua do Areal, por tentar contra o pudor de uma menor de 11 annos, filha de Antonia Biscaia, da Ribas.

Este perverso é casado e conta mais de 60 annos.

Pelo que se diz, tem commettido eguaes proezas.

Bom será que fique só por esta. O tribunal dará o pago a tal *marmanno*.

### Para Cascaes

Partiu para Cascaes na quarta-feira, á noite, o nosso amigo José d'Oliveira A'la, digno escriptura na repartição de fazenda d'aquella villa.

Felicidades.

**A questão das musicas**

Na segunda-feira, á noite, presenciámos uma scena indecorosissima e ridicula.

Tinha de haver n'essa noite um arraial em honra de Santo Antonio, para o qual estava convidada a philharmonica do sr. Antonio Maria Valerio, que compareceu á hora aprasada em frente da capella do referido santo.

Ora n'esse mesmo instante appareceu, sem ser esperada, uma outra philharmonica, no mesmo local. Não estava convidada, e soube-se afinal, que vinha alli simplesmente por caprichos mal entendidos, receando-se por isso a perturbação da ordem.

A auctoridade, porém, conhecedora de tudo, tomou logo as necessarias providencias e intimou a philharmonica intrusa para que não tocasse no arraial.

Foi uma medida muito acertada e todos sabem porquê.

Todavia, a tal philharmonica, deu entrada n'um armazem d'um de seus socios, que fica ao lado da capella, e lá começou a deliciar as traves e os tapumes do predio com varios trechos do seu *escolhido reportorio!*

Como estava em propriedade particular, podia a seu modo *trautar as suas modinhas!*

Mas o sr. Valerio, como homem sensato, vendo que poderiam advir maus resultados da sua permanencia alli, attento o fim provocador, simplesmente provocador, da tal philharmonica, entendeu que seria melhor retirar-se com a sua sociedade, e assim o fez.

Então os dignissimos mesarios da irmandade de Santo Antonio, já para evitar mais conflictos, já por se sentirem deveras offendidos, e com toda a razão, deliberaram fechar a capella e supprimir a illumination, o que fizeram sem perda de tempo.

Até aqui muito bem. Agora seja-nos permitido ir mais um pouco além da simples noticia para, imparcial e conscienciosamente, analisarmos ainda que por alto esta questão que nos impressionou e a todos.

Quem ha ahi que desconheça a maneira por que foi formada uma *troupe* de gaiteiros a que dão o nome de musica nova?

Ninguém, ninguém!

Quem ha ahi que desconheça tambem a guerra nojentissima que essa *troupe* sob o commando do seu digno regente, o *homem das «vóserices»* e do *«devegar»* e do *Serafim com um «C»* e mais da *casa da maleita*, tem feito a um velho honrado e digno como é o sr. Valerio?

Tambem ninguém o ignora.

E como é triste saber-se que esse homem deve a casaca que veste e os ferrinhos que largou ao que agora tão cobardemente insulta!

Um homem que calca aos pés os mais sagrados deveres da familia, um homem que escarra e carrega no chapeu quando vê passar seu pae, e que atira a lama ás faces d'aquelle a quem deve tudo, a seu honrado avô, está definido, está mais que definido.

E esse homem não tem vergonha de continuar a vomitar insultos sobre a sua familia!

E não se lhe condoe a alma de semear as lagrimas e a dôr no seio d'aquelles que o acobertaram em creança!

Ah! mas a culpa não é só d'elle, porque a ignorancia é a mãe do atrevimento.

A culpa é d'aquelles, que em vez de lhe dizerem que é um réprobo por desprezar os que lhe

deram o ser, lhe ensinaram simplesmente o caminho da ingratição e da infamia!

São esses uns ministros do altar, uns que se dizem representantes de Christo na terra e que r final não representam mais que um escarneo das leis divinas!

São esses os perseguidores e... mais ninguém!

Fizemos o nosso dever.

Defendemos um velho honrado e digno, no ultimo quartel da sua vida e atacámos como deviamos atacar aquelles que o querem fazer resvalar na valla do esquecimento, como se fosse um homem indigno e desleal.

Mas não será assim.

Antonio Maria Valerio de Souza Brandão ha-de ser sempre para nós e para toda a gente digna um vulto considerado, e se amanhã a lagueira fria da sepultura cahir sobre o seu cadaver, elle ha, de ser sempre o mesmo homem e a sua memoria terá sempre jus á nossa gratidão e respeito.

Esta é a linguagem da consciencia.

Ultimamente constou-nos que os manejos politicos não são estranhos ao movimento de segunda-feira. Miseravel politica essa que precisa que as *gaitas* lhe apregoem os feitos!

Nós nada temos com isso. Isto são apontamentos.

**Incendio**

E' de mau agouro o mez que corre para Ovar. Terça-feira um horrivel incendio assaltou-nos e no sabbado, pelas 4 horas e meia da tarde, fomos novamente assaltados por identico motivo.

Manifestou-se incendio no armazem terreo de José Fernandes Jeronymo — o Galliza — ardendo completamente, salvando-se apenas alguma lenha e rama. Compareceu a bomba municipal que evitou a propagação do fogo nos prédios visinhos.

Attribue-se este, entre outras versões, a descuido de creanças que o lançaram por debaixo da porta que foi arrombada. Foi mais uma ajuda para a mulher de José Fernandes, ausente, pois ainda na terça-feira, o incendio do Furdouro lhe apathou um palheiro.

**Coisas ruins!**

No sabbado, pelas 9 horas da noite, duas mulheres e um rapaz de S. Miguel, foram abrir a casa do fallecido Manoel Reimão, da rua do Bajunco, para retirar a mobilia.

Ao transporem os humbraes da porta, gritaram, assustadas, e recuaram quasi desfallecidas! Acudiu aos gritos a vizinhança, perguntamos o motivo d'aquillo e disseram as *assustadas* terem visto na sala d'aquella casa o Manoel Reimão, vestido de branco e de bonet!!!

O sr. Victoria correu tambem alli para se certificar do succedido e, pelo que nos consta, acreditou no phantasma!

De *phantasmas* serviram os espectadores alvoraçados!

E a coisa ruim foi-se...

Que gente! Ainda são de bom tempo!

**CHRONICA**

Vou cumprir a obrigação, Apazar de contrafeito. E'-me escassa a inspiração! Não me saê coisa de geito.

E não saê, palavra honrada de chronista.

Porquê? — Porque as molas principaes da minha machina cerebral estão pèrras, isto é, para traz ainda vão, para deante é impossivel.

Ora como eu sou contrario a tudo que se move á laia de *caranguêjo* e, reconhecendo-me hoje sem prestigio, sem forças, sem auxilio, sem nada, supplico aos leitores que não tomem como desfeita o levantar-me da meza.

Condôam-se, por quem são, de quem quer e não pôde.

Lançaê por sobre mim, leitores pacientes, a vossa benção benevolente e compadecida; perdoae-me para que Deus vos perdêe tambem.

A culpa não parte da minha negligencia nem de successo algum extraordinario que me empeça de apresentar o trabalho da semana.

Bem pesaroso me despeço de vós, altamente indignado contra a minha intelligencia e envergonhado de mim proprio.

Deixo-vos d'esta vez sem chronica, o que será causa sufficiente para que a vossa extrema bondade se esgôte completamente e eu seja lançado para o caminho do abandono, desesperadamente, enternecidamente...

Ai!... Este arroubamento d'alma exprime claramente a tristeza carregada que me invade o peito!

**Coragem, leitores!**

Pedi por mim e ouvi-me:

Meu rico Santo Antoninho, Escutae-me duas fallas: Compedeei-vos de mim, Tiraê-me d'estas entaldas!

Isto são versos á pae João, mas não tem duvida. Camões e Bocago não os lêem, e o mestre Guerra Junqueiro fecha os olhos!

Alguma vez havia tambem de pertencer á extensa lista dos poetas noviços, d'estes poetas vulgarmente chamados — *poetas de força e evacuadores dasneiras!*

Pois eu desde hoje pertenco ao numero d'estes, mas dispenso... os emboras!

Vamos á chronica. As molas da cachimonia vão-se *desemperando* e a febre na penna vae abatendo.

Ouvindo muito attento, leitor; vaes lêr e apreciar o que é bom, mais que bom, sublime, mais que sublime: *bomsissimo, sublimissimo!*

Fui á missa da festa, no domingo, a Santo Antonio, meu protector nos céos, protecção que pude conseguir por intermedio do seu muito amigo e collega S. Simão, meu amigo tambem por o meu nascimento ser no dia grande d'este santo, 28 d'outubro, quando elle visita as figueiras e faz não sei o que aos *figos!*...

A capellinha estava adornada a capricho, o incenso aromatizava-a e o corpo da mesma era occupado por... rosas e cravos!

Para não mentir, direi que, embora excessivamente devoto, não o fui n'aquella occasião.

Mudo, fazendo-me abstracto e indifferente, vi e contemplei tudo!

E quem não? Até lá vi *velhotes* a dirigirem olhares rapidos como settas ás... ás taes rosas que, devotamente e constantemente mechiam os labios carmin e olhavam fervorosamente o throno do Altissimo, não fallando lá de uma ou outra flôr que fctava tambem com o maximo fervor... um cravo!

Luiz Arauto, o chronista-bólha, do *Povo d'Ovar* deve apresentar no proximo domingo um idylio chronico que occupa 5 columnas!

Esse é que dá o cavaquinho por coisas cuja fragancia seja — amor!

Esse sim, pois só se applicou ao *estyllo amoroso*.

Só Deus, nosso Pae, e eu sabemos que de magua não sentiria o mestre Luiz do *Povo*, dando o seu logar no domingo ao collega João Rigor, muito bom moço, de intelligencia reconhecidissima, intimo amigo meu, porém, como chronista, lá tem, como todos, o seu defeito e defeito muito verosimil: pecca por fallar sempre em uns *olhos pretos scismadores*...

Que mania! Eu sei quem é o possuidor dos taes *olhos* e sei mais: — sei quem lh'os admira...

O amigo e collega precipita-se; ora o que eu peço ao João Rigor é que não responda a estas... sim... a estas *piadinhas*, ouça-as.

«Quem me avisa meu amigo é», comprehende-me, caro collega? Vamos adeante.

A' tarde, n'esse mesmo dia, fui assistir ao sermão. Ouvi antes o «Barbeiro de Sevilha» pela orchestra.

Ai! que lindo! Aquelles agudos gemidos dos violinos extasiavam-me!

A musica! Oh! quem não vâa ás regiões do enlevo ao escutar musica? Aqui só conheço duas pessoas indifferentes a isso: o dr. Sobreira e F. Abragão, só esses que teem um ouvido... Bemdicto seja o Pae do Céu!

Findo o sermão, a *élite* n.º 2 vestiu-se de ópas; lá fui tambem, pois quê?

Sabiu a procissão, seguindo quasi na frente a irmandade dos *fidalgos* — a de N. S.ª do Rosario. Levava a cruz, por penitencia, o Gomes Pinto e o juiz era o mestre Oliveira, dos Campos, muito sério e foi até que se recolheu a procissão sempre em continua reza.

Levei uma opa, note-se, uma opa de seda toda suja e muito curta.

Fui descontente, mas animaram-me, dizendo que eu por ser o mais mal servido seria recompensado no céu pelo Santo Antonio, a quem enviaram uma lista dos seus eleitores.

Eu cá voto por Elle e por S. Simão; são ambos deputados republicanos e unicos do parlamento celeste.

Ha mais ainda: o S. Simão enviou-me ha tempos um jornal intitulado *A Côte do Céu*, de quem é chronista.

Hein! Ter eu um collepa santo! E olhem os leitores que escreve com muito espirito!

Na segunda-feira fui á novena; ouvi musica e sermão e vi... muitas rosas e igual numero de cravos!

A' noite grande animação á porta da morada do meu protector, Santo Antonio, pae dos negociantes. Tocou mais musica e eu estive com vontade de dançar; porém, para seguir o caminho do meu collega do *Povo d'Ovar*... fiz-me homem circumspecto!

Foi ou não foi a chronica? Santo Antonio é milagroso e provou-o mais esta vez.

E então eu, eu que Stava hoje tão *macambuzio*, Tão sem forças p'ra escrever, Que pedi a Santo Antonio P'ra um milagre me fazer.

Quem fôr devoto como eu, Mas devoto convencido, Tudo o que pedir aos santos, Descance, pois é servido!

Lá isso é, e a prova ahi a tendes.

Antes de retirar aos *penates* fui ao Cerveira, convidado pelo dr. Soares Pinto, que me pagou uma salsa-parrilha, bebida muito fresca e muito medicinal para uma molestia de que padeço, ha tempos.

A meio caminho de casa encontrei tres devotas de Luiz Arauto, vestidinhas de preto, com os chailles pela cabeça, que me embargaram o passo, dizendo: — «A estas horas ainda de Praça? Viu por lá o João Rigor, auctor da chronica de domingo do *Povo d'Ovar*? Mas que mania a d'aquelle homem! E' como o outro com pouca differença. Ainda se eu gostasse d'elle...»

Eu ri-me e ri-o-me do collega. E' por isso, repito, que eu digo: não responda a estas *piadinhas*; ou então diga assim: Quem havia de suppor que o reflexo sahido d'aquelles *olhos pretos scismadores* trazia envolvido o veneno da ingratição! Por aqui vae melhor creia-me.

E eu a metter-me n'isto que tanto detesto. Tenho á perna o sr. Arauto.

Ai!... Só em me lembrar que o domingo vem tão proximo!...

Um conselho: Não te regateio nem te invejo a profissão de *copiador*, lastimo sim que os remedios que te envie por mais d'uma vez não tenham diminuido o teu estado de doença. Parece incrivel e não ha que vacilar: tens o *typho* na cabeça por causa da tua nymphá do Carregal!

Deus se compadeça de ti... e de nós todos.

A vós, leitores, agradeço a paciencia, filha da amizade que me tendes pelos meus escriptos, de me aturades, e despeço-me até quinta-feira se lá chegar, e a vós leitoras, a quem muito respeito, vos peço a benção!

Abençoa-me que sereis abençoadas tambem!

Isto sim, isto é que é (modestia de parte) ser bom menino e nunca, nunca um 2.º tomo do chronista do *Povo* Luiz Arauto do Carregal.

A's vossas ordens.

Jayme.

**SECÇÃO CHARADISTICA**

Decifrações do n.º antecedente

Espinha — Relento — Arcos — Sapo — Magnolia — Perola — Perverso — Vulcão.

**ANNUNCIOS**

**Agradecimento**

O abaixo assignado, agradece, reconhecidissimo, a todos os seus amigos que prestaram o seu valioso auxilio, coadjuvando-o na remoção dos moveis do hotel, por occasião do incendio do Furdouro.

Ovar, 16 de junho de 1892.

José Luiz da Silva Cerveira.

## ANNUNCIOS JUDICIAES

## EDITOS

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No Juizo de Direito da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de sessenta dias, contados da segunda publicação do respectivo annuncio no *Diario do Governo*, citando João de Andrade e Pinho, solteiro, maior, ausente nos Estados Unidos do Brazil, para, no praso de dez dias, findo o dos editos, pagar a suas irmãs Rosa Maria de Jesus, casada com Joaquim Fernandes da Silva, e Anna Gomes d'Andrade e Pinho, casada com José da Silva Junior, a quantia de 40\$860 réis, proveniente de tornas no inventario por fallecimento de seu pae José d'Andrade e Pinho, sendo á primeira 33\$390 réis, e á segunda 7\$470 réis, ou nomearem á penhora bens sufficientes para tal pagamento, pena da nomeação se devolver ás exequentes, na execução de sentença que lhe movem por appenso ao referido inventario.

Ovar, 9 de junho de 1892.  
Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,  
Salgado e Carneiro.

O escrivão,  
João Ferreira Coelho.  
(28)

## Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 19 de junho proximo, por meio dia e á porta do tribunal da comarca, sito na Praça, d'esta villa, se ha de proceder á arrematação d'um predio de casas terreas, com cortinha lavradia pegada e mais pertenças, sito no logar do Monte, freguezia d'Arada, d'esta comarca, avaliado em 150\$000 réis.

Este predio vae á praça para ser arrematado e entregue a quem mais der, sobre a avaliação, na execução hypothecaria que Antonio Rodrigues Faneco, viuvo, da rua das Figueiras, d'esta villa, move contra Antonio Rodrigues Pereira e mulher, e irmãos e cunhado, do logar do Monte, freguezia d'Arada.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos dos executados, para assistirem á arrematação e aos termos da execução.

Ovar, 28 de maio de 1892.

Verifiquei.

O juiz de direito,  
Salgado e Carneiro.

O escrivão,  
Eduardo Elyzio Ferraz de Abreu.  
(27)

## ANNUNCIOS

## Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc.

Estes pós são uma das melhores preparações para a limpeza dos dentes. Não atacam o esmalte—porque são alcalinos, fortificam as gengivas e tiram o mau halito.

Caixa 100 réis

PHARMACIA ZAGALLO DE LIMA

PRAÇA, 63 — OVAR

## CATALOGO DAS OBRAS

A VENDA NA

## Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77 — PORTO

## Contos

## e historias diversas

- O verdadeiro livro de S. Cypriano*, traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas . . . . . 500
- O menino da malta e o seu cão piloto* . . . . . 60
- Arte para curar bois*, vacas, borregos, porcos, cabras e outros animaes . . . . . 60
- Malicia e maldade das mulheres e a malicia dos homens* . . . . . 40
- Historia dos tres filhos*, ou o gato das botas . . . . . 20
- O noivado do sepulchro* (ballada) . . . . . 20
- Os efeitos da pinga* (questão entre um sapateiro e sua mulher) . . . . . 20
- Segredos da tarimba* (vida de um militar) . . . . . 20
- Interessantes conselhos* que uma creada dá a um creado com quem pretende casar, para elle ser rico em pouco tempo (obra em verso) . . . . . 20
- Cousas do arco da velha* . . . . . 20
- O amante despresado* . . . . . 20
- As botas de sile leguas* . . . . . 20
- Historia biblica* . . . . . 20
- Historia de José Portugal* . . . . . 20
- Tristes queixumes de um pintasilgo* . . . . . 20
- Arte de cada pessoa conhecer a sua signa* . . . . . 20
- O Judeu errante* (historia biblica) . . . . . 20
- Atento de dois cantadores—A menina padeira—Um negociante de melancias* . . . . . 20
- O A B C dos amores*, seguido da Linguagem das flores e sua significação . . . . . 20
- Atento de dois cantadores—A confissão do marujo—A despedida da mãe com o filho* . . . . . 20
- Tragedia do Marquez de Mantua e do Imperador Carlos Magno* . . . . . 40
- Auto de Santa Genoveva* princeza de Barbante, em que fallam Santa Genoveva, sua mãe: Sigisfredo, seu esposo; Tristão, seu filho; Gelo, mordomo; uma criada, e dous criados . . . . . 40
- Auto do Dia de Juizo*, no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caim, Abel, Dálilo, um vilão, um tabellião, um carnicheiro, uma regateira e um moleiro . . . . . 40
- Auto de Santo Aleixo*, filho de Eufemiano senador de Roma
- Auto de Santo Antonio*, livrando seu pai do patiuho . . . . . 40

## AGRADECIMENTO

Maria Araujo d'Oliveira Cardoso, Seraphim d'Oliveira Cardoso Baldaia, Carolina Adelaide d'Oliveira Cardoso Baldaia, Anna de Araujo Sommer, Rosa de Araujo Sobreira, Antonio Ferreira de Araujo, Henrique d'Oliveira Sommer e Antonio dos Santos Sobreira, agradecem penhoradissimos a todas as pessoas que tiveram a fineza de os cumprimentar por occasião do fallecimento de seu muito chorado esposo, filho, sobrinho e cunhado, dr. Anthero Garcia d'Oliveira Cardoso, protestando a todos o seu eterno reconhecimento.

Ovar, 1 de junho de 1892.

## NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Camiahos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

## Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

## Noções Praticas de Tachygraphia

Foi agora publicado sob este titulo um methodo de tachygraphia, escripto pelo nosso collega da *Folha do Povo* J. Fraga Pery de Linde, tachygrapho da camara dos pares, que o dedicou especialmente a jornalistas e estudantes.

A edição é da casa Guillard, Aillaud & C.ª, e custa apenas 200 réis.

Vende-se em casa de **Silva Cerveira—Ovar**.

As noções praticas da tachygraphia devem ser adquiridas por todos os que desejarem aprender a fórma de tomar rapidamente quaesquer apontamentos.

## CASA

Vende-se na rua do Pinheiro uma pertencente a D. Julia E. Dias de Lima. Tem quintal e poço.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias, se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

Antonio da Silva Nataria

Antonio Ferreira Marcellino.

Porto—IMPRESSA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77

## Aos srs. viajantes

Appareceu hoje á venda em todas as livrarias um pequeno folheto cujo prestimo está declarado no seu titulo, *Guia auxiliar para as viagens de excursão em todas as linhas ferreas de Portugal*, com itinerarios escolhidos á vontade dos passageiros.

Custa este folheto a insignificantissima quantia de 60 réis, e é revisto pelo engenheiro o ex.º sr. F. Perfeito de Magalhães, e editado pelos prestimosos e bem conhecidos livreiros-editores Guillard, Aillaud & C.ª

Em Ovar, vende-se em casa de **Silva Cerveira**.

## AVISO

AO

## PUBLICO

Arnaldo Augusto da Silva Moura participa ao respeitavel publico em geral e aos seus amigos e freguezes que acaba de abrir um atelier de alfaiate, no largo da Praça, n.º 35 e 36, Ovar, no qual se fazem fatos prompts a vestir de magnificas fazendas, desde o preço de 4\$500 até 20\$000 réis; assim como se encontra um grande e variado sortimento de fatos feitos tanto para homem como para creança.

No mesmo estabelecimento se faz um fato completo em 12 horas, responsabilizando-se pelo bom trabalho e boas fazendas, tendo para isso um pessoal habilitado.

Preços extremamente baratos para adquirir freguezia.